

ARQUITETURAS DA AUTONOMIA: A APRENDIZAGEM AUTOGERIDA NA ERA DO DESIGN INSTRUCIONAL DIGITAL

ARCHITECTURES OF AUTONOMY: SELF-MANAGED LEARNING IN THE AGE OF DIGITAL INSTRUCTIONAL DESIGN

Taisa Alves Cipriano Marim

MUST University, Estados Unidos

Miriam Fleury Ramos Jubé Pacheco

MUST University, Estados Unidos

Lilia da Silva Cordeiro Cavalcante

MUST University, Estados Unidos

Jaqueline Santos da Silva

MUST University, Estados Unidos

Sarah Machado da Silva Simões

MUST University, Estados Unidos

Claudiane Cristine do Nascimento Santiago

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/nx2tn954>

Publicado em: 28.06.2025

Resumo: A aprendizagem autogerida tem ganhado destaque no campo educacional por promover a autonomia e o protagonismo dos estudantes no processo de construção do conhecimento. Este estudo teve como objetivo geral analisar as contribuições do design instrucional para a promoção da aprendizagem autogerida em ambientes educacionais mediados por tecnologias digitais. A pesquisa foi conduzida por meio de revisão bibliográfica e documental, com base em artigos publicados entre 2018 e 2024, localizados nas bases CAPES e SciELO. Os principais resultados revelam que o design instrucional, quando aplicado com intencionalidade pedagógica e sensibilidade às necessidades dos estudantes, favorece a autogestão da aprendizagem por meio de estratégias como trilhas personalizadas, feedback formativo e diversificação de recursos. Conclui-se que a integração entre design instrucional e aprendizagem autogerida contribui para ambientes formativos mais inclusivos e eficazes, sendo necessário o fortalecimento de políticas institucionais e a formação contínua de profissionais da educação.

Palavras-chave: Aprendizagem autogerida. Design instrucional. Educação a distância. Tecnologias educacionais. Autonomia do estudante.

Abstract: Self-managed learning has gained prominence in the educational field by promoting student autonomy and protagonism in the knowledge construction process. This study aimed to analyze the contributions of instructional design to the promotion of self-managed learning in technology-mediated educational environments. The



research was carried out through a bibliographic and documental review, based on articles published between 2018 and 2024, found in the CAPES and SciELO databases. The main findings reveal that instructional design, when applied with pedagogical intentionality and sensitivity to students' needs, enhances self-management through strategies such as personalized learning paths, formative feedback, and diversified resources. It is concluded that the integration between instructional design and self-managed learning contributes to more inclusive and effective educational environments, requiring institutional support and continuous training of education professionals.

Keywords: Self-managed learning. Instructional design. Distance education. Educational technologies. Student autonomy.

1 Introdução

A ampliação do acesso à educação, aliada ao desenvolvimento de tecnologias digitais, tem transformado a forma como o conhecimento é produzido, mediado e compartilhado. Nesse cenário, a aprendizagem autogerida vem ganhando relevância como estratégia formativa que valoriza a autonomia do estudante no gerenciamento de seus próprios percursos educacionais. Trata-se de um processo que exige não apenas responsabilidade individual, mas também um ambiente estruturado que incentive a reflexão crítica, o planejamento e a capacidade de autoavaliação.

A experiência escolar tradicional, muitas vezes centrada na figura do professor como transmissor de conteúdo, não atende mais às complexas demandas de um mundo marcado pela velocidade da informação. A aprendizagem autogerida, ao promover o protagonismo estudantil, responde a essas exigências, mas pressupõe, para sua efetividade, a existência de um projeto pedagógico coerente e bem delineado. É nesse ponto que o design instrucional se insere como ferramenta mediadora entre teoria, prática e tecnologia.

O design instrucional compreende o planejamento sistemático de processos de ensino-aprendizagem, com base em teorias educacionais, análise de necessidades e perfil dos estudantes. Mais do que uma etapa técnica, sua atuação envolve escolhas pedagógicas que influenciam diretamente na forma como o estudante se engaja e desenvolve autonomia. Como apontam Fernandes et al. (2024), práticas bem conduzidas de design instrucional contribuem para que os estudantes se tornem agentes ativos de sua formação, ampliando a eficácia dos ambientes virtuais de aprendizagem.

O crescente uso da educação a distância como modalidade de ensino, tanto em cursos formais quanto em ações formativas de curta duração, evidencia a importância de estratégias instrucionais bem fundamentadas. Azevedo et al. (2024) destacam que o design instrucional, ao organizar conteúdos, definir objetivos e métodos avaliativos, atua diretamente sobre os fatores que condicionam ou favorecem a autogestão da aprendizagem, sobretudo no contexto digital. No entanto, o simples uso de tecnologias não garante o sucesso desse processo.

É necessário refletir sobre como tais práticas são efetivamente aplicadas e quais desafios ainda persistem para consolidar a aprendizagem autogerida como uma competência transversal nos ambientes educacionais. Questionamentos surgem: como garantir que a estruturação do ensino fomente a autonomia sem gerar abandono? De que forma o estudante responde aos

estímulos instrucionais propostos? As respostas exigem análise crítica e contextualizada, com base em evidências teóricas e empíricas.

Dessa maneira, este estudo propõe analisar as contribuições do design instrucional para a promoção da aprendizagem autogerida em ambientes educacionais mediados por tecnologias digitais. Trata-se de uma abordagem bibliográfica e documental, que dialoga com autores contemporâneos da área da educação e das tecnologias emergentes. O foco recai sobre experiências e propostas que demonstram a importância da intencionalidade pedagógica na construção de trilhas formativas mais autônomas.

Este artigo está estruturado em sete capítulos. Após esta introdução, apresenta-se a metodologia adotada, com descrição das etapas de seleção e análise dos documentos. Em seguida, três capítulos discutem aspectos teóricos e práticos sobre aprendizagem autogerida, design instrucional e suas inter-relações. O sexto capítulo reúne os resultados e as discussões, com base nas evidências dos artigos analisados. Por fim, as considerações finais trazem reflexões analíticas sobre as implicações da pesquisa e possibilidades futuras.

2 Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e documental. A escolha por esse delineamento metodológico está atrelada à necessidade de aprofundar a compreensão sobre as contribuições do design instrucional para a aprendizagem autogerida, com base em estudos já consolidados na literatura acadêmica. A pesquisa qualitativa permite interpretar significados e construir análises críticas, considerando os contextos em que os fenômenos se manifestam.

A metodologia bibliográfica foi escolhida por possibilitar o contato com o conhecimento acumulado em obras publicadas, especialmente artigos científicos. Essa opção se mostra pertinente para problematizar, comparar e interpretar as diferentes formas pelas quais os autores abordam a temática. Conforme Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é fundamental para construir uma base teórica sólida e guiar a investigação com respaldo analítico.

Os descritores utilizados para a busca dos artigos foram: *Aprendizagem Autogerida*, *Design Instrucional*, *Tecnologias Educacionais*, *Educação a Distância* e *Autonomia do Estudante*. Tais termos foram escolhidos por refletirem os eixos temáticos centrais do estudo e permitirem um mapeamento preciso das publicações relevantes. A combinação dos descritores visou abranger diferentes perspectivas sobre os temas analisados.

As bases de dados utilizadas foram o portal de periódicos da CAPES e a plataforma SciELO. A seleção dessas fontes fundamentou-se na credibilidade científica e na diversidade de periódicos que disponibilizam. A busca foi realizada com recorte temporal entre 2018 e 2024, priorizando artigos nacionais com acesso integral, publicados em periódicos da área da educação e que tratassem diretamente das relações entre design instrucional e aprendizagem autogerida.

A coleta de dados ocorreu em quatro etapas: levantamento inicial, triagem, seleção e leitura analítica. O levantamento identificou um total de 47 artigos. Em seguida, aplicaram-se critérios de inclusão como atualidade, pertinência ao tema, clareza metodológica e disponibilidade integral do conteúdo. Foram excluídas produções duplicadas ou que abordassem tangencialmente os descritores.

Após a triagem, foram selecionados 10 artigos para compor o corpus da pesquisa. A leitura desses materiais seguiu um roteiro de análise qualitativa, que envolveu a identificação de conceitos-chave, modelos teóricos utilizados, estratégias de design instrucional aplicadas e formas de operacionalização da aprendizagem autogerida. Essa leitura foi interpretativa e comparativa, visando identificar pontos de convergência, tensões e contribuições.

Para a sistematização dos achados, recorreu-se à análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), permitindo a categorização dos dados a partir de unidades temáticas emergentes. Essa análise possibilitou compreender as relações entre os conceitos centrais e refletir sobre a aplicabilidade dos modelos discutidos. As categorias foram organizadas em torno de três núcleos: estrutura do design instrucional, autonomia do estudante e mediação tecnológica.

A fim de ilustrar a etapa quantitativa da pesquisa, apresenta-se o Quadro 1, que sintetiza o número de artigos localizados e os efetivamente selecionados em cada base de dados. Tal sistematização permite maior transparência no processo metodológico, além de facilitar a replicabilidade do estudo por outros pesquisadores interessados na temática.

Quadro 1 – Quantificação dos artigos localizados e selecionados por base de dados

Base de Dados	Artigos Localizados	Artigos Selecionados
CAPES	30	6
SciELO	17	4
Total	47	10

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A metodologia adotada permitiu uma análise aprofundada e crítica das produções acadêmicas mais recentes, fornecendo subsídios para refletir sobre o papel do design instrucional como promotor da autonomia estudantil. Os capítulos a seguir exploram essas discussões, com base nas categorias temáticas identificadas.

3 Aprendizagem autogerida: pressupostos e desafios na formação contemporânea

O conceito de aprendizagem autogerida não se resume a estudar sozinho ou escolher livremente conteúdos. Trata-se de um processo complexo, no qual o estudante assume papel ativo na construção do conhecimento, gerenciando tempo, recursos e estratégias de forma consciente. Essa perspectiva desloca o foco do ensino para o aprendizado, exigindo um novo olhar sobre a experiência educacional, em especial no contexto da educação a distância.

A autonomia, nesse cenário, não é inata, mas construída a partir de condições formativas que favoreçam a autorregulação e o pensamento crítico. Como argumenta Guimarães et al. (2023), a aprendizagem autogerida requer o desenvolvimento de competências que ultrapassam o domínio de conteúdos, envolvendo a capacidade de planejar, monitorar e avaliar o próprio percurso formativo. Essa exigência interpela a organização pedagógica e os papéis atribuídos aos sujeitos do processo.

O estudante autogerido aprende a identificar suas dificuldades, buscar fontes de apoio e construir estratégias para superá-las. Isso implica a existência de um ambiente de aprendizagem que valorize a flexibilidade, a personalização e o acolhimento da diversidade de ritmos. Para

Fernandes et al. (2024), essas condições são fundamentais para que o aluno possa assumir com segurança a responsabilidade sobre sua formação.

Ainda que a autonomia seja o objetivo, não se pode negligenciar o papel da mediação pedagógica. A aprendizagem autogerida não é sinônimo de isolamento. Pelo contrário, como destacam Narciso e Silva (2023), ela deve ser acompanhada por orientações claras, feedbacks constantes e instrumentos avaliativos que estimulem a reflexão. A atuação dos docentes, nesse contexto, transforma-se em mentoria e facilitação de processos.

Os ambientes virtuais de aprendizagem, ao permitirem a distribuição assíncrona de atividades, oferecem condições propícias para o desenvolvimento da autogestão. Contudo, como observa Almeida (2024), a eficácia desse modelo depende da intencionalidade pedagógica que o sustenta. A ausência de critérios bem definidos ou a sobrecarga de conteúdos pode comprometer a autonomia do estudante e gerar evasão.

Outro aspecto relevante é o papel das emoções no processo de autogerenciamento. A motivação, a autoconfiança e a resiliência são elementos que impactam diretamente a persistência do estudante. Stekich et al. (2023) chamam atenção para a importância de estratégias que considerem essas dimensões, tornando o processo de aprendizagem mais humano e significativo.

O desenvolvimento da autonomia requer, portanto, um equilíbrio entre liberdade e estrutura. A ausência de suporte pode gerar frustração, enquanto o excesso de controle pode inibir a criatividade. Ricardo et al. (2024) destacam a importância de arquiteturas pedagógicas que articulem essas dimensões, promovendo a responsabilidade sem eliminar o vínculo formativo.

No contexto da educação a distância, onde o estudante encontra-se geograficamente distante dos agentes educacionais, a autogestão torna-se condição quase obrigatória para o sucesso. Azevedo et al. (2024) argumentam que o desenvolvimento dessa competência deve ser previsto no planejamento dos cursos, com a oferta de materiais, atividades e metodologias que favoreçam esse processo de forma progressiva.

Diante desses aspectos, o próximo capítulo se dedica à análise do design instrucional como ferramenta estratégica na promoção da aprendizagem autogerida, destacando suas práticas, modelos e mediações possíveis.

4 O design instrucional e suas estratégias na promoção da autonomia

O design instrucional surge como um campo interdisciplinar voltado à elaboração de experiências educacionais planejadas de forma sistemática e intencional. Sua origem está associada à necessidade de estruturar conteúdos e estratégias pedagógicas coerentes com os objetivos de aprendizagem. No cenário atual, marcado pela mediação tecnológica e pela multiplicidade de perfis de estudantes, sua atuação torna-se ainda mais relevante.

O modelo ADDIE, citado por Tobase et al. (2018), permanece como uma das referências mais empregadas no campo, ao organizar o processo educativo em cinco fases: análise, desenho, desenvolvimento, implementação e avaliação. Tal abordagem favorece a criação de ambientes instrucionais coerentes e alinhados às necessidades dos aprendizes, ao mesmo tempo em que permite ajustes contínuos e personalizações conforme o perfil do público.

Na perspectiva da aprendizagem autogerida, o design instrucional precisa assumir uma função mais flexível e adaptativa. Isso significa que a estrutura dos cursos não deve apenas oferecer conteúdo, mas criar caminhos possíveis para o estudante tomar decisões. Como argumenta Ricardo et al. (2024), esse planejamento deve considerar diferentes estilos de aprendizagem, graus de familiaridade tecnológica e ritmos de estudo.

A mediação do designer instrucional, nesses casos, vai além da função técnica: ele atua como um articulador entre conteúdos, metodologias e experiências. Azevedo et al. (2024) ressaltam que o profissional dessa área deve dominar princípios pedagógicos, compreender os desafios do ensino a distância e ser sensível às variabilidades cognitivas e afetivas dos estudantes, a fim de produzir trilhas mais eficazes e inclusivas.

Entre as estratégias frequentemente associadas ao estímulo da autonomia estão: a organização modular de conteúdos, a disponibilização de materiais em diferentes formatos (vídeo, texto, infográfico), a proposição de atividades reflexivas e autoavaliativas e a utilização de fóruns colaborativos. Essas práticas ampliam as possibilidades de escolha e incentivam a responsabilidade sobre o próprio processo de aprendizagem.

Outro elemento fundamental é a clareza dos objetivos de aprendizagem e a transparência nos critérios de avaliação. Como apontam Stekich et al. (2023), o estudante só consegue gerenciar sua trajetória se compreender com precisão o que se espera de seu desempenho. A falta de clareza pode gerar insegurança, atrasos ou desmotivação, comprometendo a experiência formativa.

A personalização dos percursos também contribui para fortalecer a aprendizagem autogerida. Almeida (2024) destaca o papel das tecnologias adaptativas e dos ambientes de aprendizagem flexíveis, nos quais o estudante pode acessar conteúdos conforme seu próprio ritmo, com base em diagnósticos iniciais de conhecimento e preferências de estudo. Essas soluções dialogam com a ideia de aprendizagem centrada no estudante.

Contudo, o design instrucional enfrenta desafios. A tensão entre estrutura e liberdade, a resistência institucional a mudanças metodológicas e a dificuldade de formação de profissionais qualificados são barreiras ainda presentes. Fernandes et al. (2024) apontam que o sucesso do design instrucional depende não apenas da aplicação de modelos, mas da sensibilidade pedagógica e da escuta atenta às necessidades reais dos estudantes.

Com base nesses elementos, o próximo capítulo examina de que maneira a integração entre design instrucional e aprendizagem autogerida tem se concretizado na prática, com base nos dados extraídos dos estudos analisados.

5 Aprendizagem autogerida e design instrucional: intersecções práticas na educação digital

A prática educativa em ambientes digitais exige não apenas domínio técnico das ferramentas, mas também uma concepção pedagógica que valorize a autonomia do estudante. Nesse contexto, a aprendizagem autogerida e o design instrucional se entrelaçam como dimensões complementares. Quando bem articuladas, essas práticas ampliam a efetividade dos cursos, promovendo envolvimento e senso de autoria nos estudantes.

Guimarães et al. (2023) afirmam que, para além da oferta de conteúdos e atividades, é necessário preparar os ambientes virtuais para a promoção da autonomia. Isso envolve desde

a escolha de linguagens acessíveis até a construção de interfaces amigáveis. O estudante, ao perceber-se respeitado em seu ritmo e estilo de aprendizagem, tende a se engajar com mais responsabilidade e persistência nas atividades propostas.

As experiências descritas por Narciso e Silva (2023) indicam que projetos pedagógicos que integram design instrucional com foco na autogestão alcançam melhores resultados em termos de retenção e desenvolvimento cognitivo. As estratégias utilizadas nesses projetos incluem a divisão do conteúdo em unidades de curta duração, com desafios progressivos, espaços de feedback formativo e estímulo à autoavaliação.

Um ponto recorrente nos estudos analisados é a importância da clareza nos roteiros de aprendizagem. Para Fernandes et al. (2024), a organização explícita das etapas e a disponibilização de mapas de navegação auxiliam o estudante na compreensão do percurso e na gestão de seu tempo. A ausência dessa estrutura pode comprometer a autogestão, gerando ansiedade e desmotivação.

A mediação docente, embora menos direta no ensino remoto, permanece como fator decisivo. Almeida (2024) argumenta que a figura do professor, ainda que mediada por tecnologias, precisa estar presente por meio de interações personalizadas, fóruns de dúvidas e orientações regulares. Essa presença simbólica e afetiva fortalece o vínculo e encoraja o estudante a persistir.

Outro aspecto prático destacado é a diversificação das metodologias. Ricardo et al. (2024) apontam que a aprendizagem autogerida se fortalece quando o estudante pode optar entre diferentes estratégias, como estudos de caso, *podcasts*, simuladores e jogos educacionais. Essas alternativas respeitam as múltiplas inteligências e favorecem a construção do conhecimento de forma mais significativa.

Apesar das boas práticas identificadas, os estudos também revelam limitações. Entre elas, estão a falta de formação continuada de docentes para atuarem com design instrucional, a baixa qualidade de alguns materiais disponibilizados e a ausência de políticas institucionais claras para a implementação da aprendizagem autogerida. Esses obstáculos dificultam a consolidação de modelos mais eficazes.

A integração entre design instrucional e aprendizagem autogerida ainda está em processo de consolidação. Os dados analisados sugerem que, embora haja experiências bem-sucedidas, muitas instituições ainda operam com práticas fragmentadas e pouco intencionais. A articulação entre teoria e prática continua sendo um desafio no campo da educação digital.

No capítulo seguinte, os achados da pesquisa são sistematizados e discutidos à luz dos objetivos propostos, evidenciando caminhos possíveis e contradições observadas nos estudos selecionados.

6 Resultados e discussão

Retomando a questão norteadora desta pesquisa — como o design instrucional pode favorecer práticas efetivas de aprendizagem autogerida em ambientes educacionais mediados por tecnologias digitais —, os estudos analisados demonstram que a resposta está na articulação entre planejamento pedagógico intencional e flexibilidade metodológica. A autonomia do estudante não é alcançada apenas pela liberdade de acesso, mas sim pela qualidade do ambiente formativo.

Uma das principais evidências encontradas foi a valorização de modelos instrucionais centrados no estudante. De acordo com Fernandes et al. (2024), estratégias como trilhas formativas personalizadas, mapas de objetivos e feedback contínuo favorecem o desenvolvimento da autogestão. Essas práticas são mais frequentes em cursos que adotam abordagens híbridas, nas quais a mediação pedagógica se adapta aos diferentes contextos dos estudantes.

Os dados apontam ainda que a aprendizagem autogerida exige um papel ativo do estudante, mas também uma rede de suporte bem estruturada. Conforme Guimarães et al. (2023), ambientes com materiais multimodais, interações tutoriais e propostas avaliativas que estimulam a autorreflexão são mais eficazes na promoção da autonomia. Por outro lado, cursos excessivamente conteudistas, com linguagem técnica e pouca interação, tendem a afastar os estudantes.

A atuação do designer instrucional se destacou como eixo estruturante dessa dinâmica. Estudos como os de Azevedo et al. (2024) e Almeida (2024) mostram que a aplicação de modelos como o ADDIE e o modelo Dialogical Authentic NetLearning contribui para criar estruturas organizadas, que não engessam o percurso, mas orientam o estudante com clareza. A eficácia desse planejamento está na capacidade de prever e respeitar a diversidade dos aprendizes. O quadro a seguir sintetiza as principais estratégias de design instrucional identificadas nos estudos, relacionando-as aos impactos na aprendizagem autogerida:

Quadro 2 – Estratégias de design instrucional e impactos na aprendizagem autogerida

Estratégia Identificada	Impacto Observado	Fonte
Trilhas personalizadas e flexíveis	Aumento da autonomia e do engajamento	Fernandes et al. (2024)
Feedback formativo contínuo	Estímulo à autorregulação e persistência	Stekich et al. (2023)
Materiais em múltiplos formatos (vídeo, podcast)	Respeito aos estilos de aprendizagem	Ricardo et al. (2024)
Roteiros e mapas de aprendizagem	Clareza de percurso e segurança no planejamento	Guimarães et al. (2023)
Ambientes virtuais com tutoria ativa	Fortalecimento do vínculo pedagógico	Almeida (2024)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Apesar das contribuições observadas, também foram identificados desafios significativos. O primeiro deles é a resistência de parte das instituições em flexibilizar suas estruturas curriculares, dificultando a adaptação de modelos mais autônomos. Narciso e Silva (2023) alertam para o risco de implementação superficial, na qual o discurso da autonomia não encontra correspondência nas práticas adotadas. Essa incoerência entre teoria e prática compromete a credibilidade dos projetos e desestimula a participação ativa dos estudantes. Em muitas universidades, ainda se percebe um predomínio de grades rígidas e processos avaliativos padronizados, o que inibe experimentações mais ousadas. A mudança requer não apenas revisão de documentos institucionais, mas também uma transformação cultural profunda nos modos de conceber o papel da educação superior.

Outro obstáculo está na formação dos profissionais envolvidos. Como destaca Gomury (2018), nem todos os docentes e designers instrucionais possuem preparo técnico e pedagógico para desenvolver propostas que realmente promovam a autogestão. A ausência de investimento institucional em capacitação limita o potencial transformador dessas estratégias. Além disso, a falta de espaços coletivos de reflexão dificulta a troca de experiências e a construção colaborativa

de soluções inovadoras. A sobrecarga de tarefas administrativas e a escassez de tempo para o planejamento pedagógico também agravam esse cenário. Muitas vezes, os próprios profissionais não compreendem plenamente os conceitos de autonomia e protagonismo, o que enfraquece sua aplicação na prática.

Por fim, a dimensão subjetiva da autonomia merece atenção. A autogestão não é um atributo universal e imediato; ela precisa ser cultivada em contextos de acolhimento, desafio e escuta. Como argumenta Ricardo *et al.* (2024), o design instrucional só cumpre seu papel se estiver ancorado em princípios de inclusão, diversidade e humanização do ensino. Nesse sentido, é necessário considerar as diferentes trajetórias dos aprendizes e suas formas singulares de apropriação do conhecimento. A construção da autogestão exige tempo, apoio emocional e reconhecimento das vulnerabilidades individuais. Ignorar essas dimensões pode resultar em experiências frustrantes e até mesmo em abandono dos percursos formativos, especialmente por parte de grupos historicamente marginalizados.

Os dados aqui discutidos evidenciam que a relação entre design instrucional e aprendizagem autogerida é promissora, mas depende de um compromisso ético, pedagógico e institucional com a qualidade formativa. O capítulo seguinte apresenta as considerações finais, propondo caminhos para novas pesquisas e práticas educacionais mais coerentes com essa proposta. Essa continuidade exige o fortalecimento de políticas públicas que incentivem a inovação didática e a valorização do trabalho docente. Também se faz urgente o desenvolvimento de instrumentos avaliativos mais alinhados com os princípios da autonomia, capazes de captar os processos e não apenas os resultados.

7 Considerações finais

A aprendizagem autogerida, ao promover a autonomia e a responsabilidade dos estudantes sobre seu próprio percurso formativo, representa um avanço necessário nas práticas educacionais contemporâneas. Essa abordagem responde às exigências de uma sociedade em constante transformação, na qual o conhecimento é fluido, acessível e dinâmico. Para que essa proposta seja efetiva, no entanto, é imprescindível que os ambientes educacionais ofereçam suporte estruturado e metodologias coerentes. Isso implica na reorganização de práticas pedagógicas tradicionais que ainda resistem a mudanças profundas. A valorização da escuta ativa e da participação discente na construção dos objetivos de aprendizagem também se mostra indispensável.

Ao longo desta pesquisa, observou-se que o design instrucional atua como um mediador estratégico entre intencionalidade pedagógica e flexibilidade de aprendizagem. Os modelos analisados demonstraram que a organização sistemática de conteúdos, objetivos e recursos pode criar condições favoráveis para que os estudantes desenvolvam competências de autogestão. A articulação entre planejamento, acompanhamento e feedback contínuo mostrou-se essencial para o sucesso dessas práticas. Essas dinâmicas revelaram a importância de ações pedagógicas intencionais que considerem diferentes estilos e ritmos de aprendizagem. Assim, o design instrucional assume um papel não apenas organizacional, mas profundamente formativo.

Os objetivos propostos neste estudo foram plenamente alcançados. Foi possível analisar as principais contribuições do design instrucional para a promoção da aprendizagem autogerida e identificar estratégias que favorecem a autonomia do estudante. Além disso, a

investigação evidenciou desafios persistentes, como a necessidade de formação docente e de políticas institucionais que sustentem essas práticas com coerência e compromisso pedagógico. A consolidação desses objetivos requereu uma análise crítica da literatura e o confronto entre teoria e prática. Tal percurso reafirma o valor da pesquisa aplicada como caminho para transformar realidades educacionais.

A contribuição desta pesquisa reside, sobretudo, em reafirmar a importância de práticas educativas que coloquem o estudante no centro do processo, não como consumidor de conteúdos, mas como autor do próprio conhecimento. Para isso, é necessário que o design instrucional não apenas organize o curso, mas projete experiências de aprendizagem significativas, afetivas e adaptáveis às singularidades dos sujeitos envolvidos. Esta perspectiva rompe com modelos instrucionais que priorizam a transmissão linear de conteúdos, permitindo a construção de trajetórias personalizadas. Dessa forma, o estudante torna-se coautor de seu percurso formativo.

As análises indicam a necessidade de continuidade nos estudos sobre a relação entre design instrucional e aprendizagem autogerida. Investigações futuras podem abordar experiências específicas em diferentes níveis e modalidades de ensino, bem como explorar o uso de tecnologias emergentes, como plataformas adaptativas e inteligência artificial, na personalização dos percursos formativos. Há também um campo promissor no estudo das interações entre autonomia e avaliação, especialmente no contexto de propostas formativas híbridas. A compreensão aprofundada desses aspectos pode ampliar o alcance e o impacto das práticas aqui discutidas.

Em um cenário educacional marcado por incertezas e rápidas mudanças, investir em modelos que valorizem a autonomia, a criticidade e a personalização da aprendizagem não é apenas uma escolha metodológica, mas um compromisso com a formação de sujeitos capazes de atuar com consciência, criatividade e responsabilidade no mundo contemporâneo. O fortalecimento da autogestão discente demanda ações institucionais que integrem planejamento, formação docente e escuta ativa. Concluir esta pesquisa é, portanto, um convite à continuidade do diálogo e da inovação nos processos formativos.

Referências

Almeida, R. S. (2024). Design instrucional contribuindo para a aprendizagem autogerida. Curitiba, PR: ETS FACERE-Revista de Tecnologia e Conhecimento, 2(2), 39-51. Disponível em: <https://esabere.com/index.php/efacere/article/view/155/121>. Acessado em 10 de maio de 2025.

Azevedo, C. M. S., Nascimento, J. S., Corrêa, L. L., Aguiar, M. D. C. P., & Botelho, S. O. (2024). As práticas do design instrucional na educação: uma análise das vantagens e desvantagens sob a perspectiva do profissional designer instrucional. Cruz Alta, Brasil: Revista Ilustração, 5(4), 199-209. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/323/264>. Acessado em 14 de maio de 2025.

Fernandes, A. B., de Araujo, C. S., Burin, G. R. E., Lima, L. K. A., das Neves Meroto, M. B., da Silva Júnior, S. L., ... & Rigo, T. A. T. (2024). As contribuições do design instrucional na aprendizagem autogerida. Revista Contemporânea, 4(1), 1790-1808. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/3037/2290>. Acessado em 02 de maio de 2025.

Gomury, A. Q. S. (2018). Educação a distância com foco no aluno e as contribuições dos docentes para a autonomia no ensino-aprendizagem. São Carlos, SP: Anais CIET: Horizonte.

Disponível em: <https://ciet.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/article/view/1055>. Acessado em 05 de maio de 2025.

Guimarães, U. A., Roque, S. M., Santos, C. T., & Santiago, E. C. B. (2023). Contribuições do design instrucional para a aprendizagem autogerida em cursos de educação a distância. Maringá, Brasil: RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218, 4(4), e443038-e443038. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/3038/2216>. Acessado em 07 de maio de 2025.

Narciso, R., & da Silva, M. V. M. (2023). Aprendizagem com aportes do design instrucional e da educação autogerida. Cruz Alta, Brasil: Revista Ilustração, 4(2), 97-102. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/160/105>. Acessado em 18 de maio de 2025.

Ricardo, F. P. A., Silva, A. W. S., Lima, A. G. C., Costa, E. J., & Figueirôa, L. M. (2024). O Papel do design instrucional na educação a distância. Revista Amor Mundi, 5(4), 53-60. Acessado em 13 de maio de 2025.

Rocha, E. F., & Rocha, V. C. F. (2019). EAD aplicada ao ensino superior: análise da infraestrutura relacionada à qualidade. Revista Acadêmica Online, 5(25). Disponível em: <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/624>. Acessado em 06 de maio de 2025.

Stekich, C. D. L. N., Ribeiro, H. M., Pena, R. C. D., Santos, S. M. A. V., & da Silva, T. P. A. (2023). O design instrucional no desenvolvimento na efetivação da aprendizagem autogerida. Cruz Alta, Brasil: Revista Ilustração, 4(2), 145-150. Disponível em: <https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/167/112>. Acessado em 16 de maio de 2025.

Tobase, L., Peres, H. H. C., Almeida, D. M. D., Tomazini, E. A. S., Ramos, M. B., & Polastri, T. F. (2018). O design instrucional no desenvolvimento do curso on-line sobre Suporte Básico de Vida. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 51. Acessado em 09 de maio de 2025.